



O LUGAR DE JOÃO BATISTA NO EVANGELHO DE MARCOS

Léo Zeno Konzen*

RESUMO:

A presente comunicação relaciona-se ao desejo de contribuir com a evangelização de jovens em idade universitária, particularmente com o Movimento de Emaús da Igreja Católica, que tem por padroeiro e inspirador João Batista. Ela pretende responder a pergunta sobre o lugar de João Batista no Evangelho de Marcos. É amplamente reconhecido que a figura de João (Batista) é relida pelos Evangelhos, sempre na perspectiva da sua relação com Jesus Cristo. Surpreende, no entanto, que no Evangelho de Marcos, o primeiro que foi escrito, João “o batizador” seja relacionado a Jesus e ao Evangelho mais profundamente do que nos outros Evangelhos. A rigor, é em Marcos que o Batista é o *precursor* de Jesus Cristo, no sentido estrito do termo. Mesmo assim, no relato de Marcos são conservados alguns elementos que seguramente remontam ao movimento de João, independente da leitura cristã que caracteriza seu relato. Quais são esses elementos históricos preservados melhor em Marcos que nos outros Evangelhos? E o que caracteriza a leitura que Marcos faz da figura e da missão do “batizador”? Para mostrar isso, serão caracterizadas brevemente as compreensões de João (Batista) em Mateus, Lucas e João; depois, a comunicação se ocupará com a análise do relato de Marcos, principalmente nos primeiros quinze versículos do seu Evangelho, que formam uma unidade e que são tidos como “prólogo” do segundo Evangelho.

PALAVRAS-CHAVE: João Batista. Evangelho de Marcos. Precursor. Movimento de Emaús.

Introdução

Todo fazer evangelizador implica diálogo com a Bíblia. Não é diferente quando se trata do fazer evangelizador com as juventudes, com seus desafios para a Teologia e a Igreja – tema do Congresso Estadual de Teologia do Rio Grande do Sul, no mês de maio de 2013. Dizemos diálogo com a Bíblia, porque é essa a relação correta entre nós hoje e a experiência evangelizadora das comunidades que nos legaram a Bíblia¹.

* Doutor em Teologia, professor do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Campus de Santo Ângelo, e do Instituto Missionário de Teologia. Contato: leokonzen@santoangelo.uri.br

¹ J. Konings fala disso usando a expressão “conversa de amigos, cordial e com hombridade”. KONINGS, J. *A Bíblia: sua origem e sua leitura*. 7.ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 175.

Um dos caminhos de evangelização entre jovens se dá no Movimento de Emaús, bastante difundido e conhecido no Rio Grande do Sul. Essa organização tem como referência bíblica especial João Batista. A razão, segundo informantes do movimento, é que João, evangelizado, passa a anunciar Jesus e seu Evangelho. É o que pretendem ser os participantes do Emaús, individualmente e como grupo.

Nossa “conversa de amigos” com a Bíblia pode ser enriquecida com uma visão mais aprofundada da pessoa e do movimento de João Batista, nos Evangelhos. O “fazer evangelizador” que o toma como referência poderá levar em conta novos aspectos do padroeiro. Nosso objetivo é caracterizar o lugar que ele ocupa no Evangelho de Marcos.

Para alcançar o objetivo proposto, nosso primeiro passo será olhar para João Batista “antes do Cristianismo”², ou seja, caracterizar brevemente esse profeta e seu movimento para aquém de sua interpretação cristã e cristologizada comum aos quatro Evangelhos. Nesse mesmo item, apresentaremos aspectos do encontro entre Jesus e o movimento de João Batista.

No item seguinte, abordaremos brevemente a apresentação que Mateus, Lucas e João fazem de João (Batista).

No terceiro momento, mostraremos com detalhes o lugar de João Batista no Evangelho de Marcos, objeto específico deste texto.

No final de nosso texto, retornaremos à “conversa de amigos” entre o “fazer evangelizador” do Movimento de Emaús e o Evangelho de Marcos.

1 João Batista “antes do Cristianismo”

É praticamente consenso na exegese que a pessoa e o movimento de João Batista, na forma como nos são apresentados nos quatro Evangelhos, trazem as marcas das leituras e releituras feitas a partir da fé em Jesus aceito na fé como o Cristo e como aquele cuja vinda foi anunciada com veemência por João. Todos os Evangelhos foram compostos por seguidores de Jesus e, por isso, com nuances diferentes, retratam de maneira cristianizada e cristologizada a pessoa e o movimento de João.

² A expressão é oriunda de um pequeno grande livro, traduzido ao Português e editado no Brasil em 1988 e várias vezes reeditado: NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. 6.ed. São Paulo: Paulus, [2007]. O livro também está publicado pelas Paulinas de Portugal. Para o estudo do significado sócio-histórico do movimento de João Batista, recomendamos a obra WEBB, Robert L. *John the Baptizer and Prophet: a socio-historical study*. Sheffield, 1991.

Será possível “descristianizar” ou “descristologizar” João Batista, para dialogarmos com ele também num encontro mais “original”? Alguns elementos, pelo menos, parecem recuperáveis com relativa segurança³. Análises cuidadosas dos relatos bíblicos permitem identificar elementos originários, alguns dos quais passaremos a elencar.

Ao contrário do que sugerem os relatos dos Evangelhos, João provavelmente não sabia que aquele cuja vinda iminente anunciava seria Jesus. O que ele acreditava e pregava com plena convicção é que viria alguém que teria um papel decisivo na profunda renovação que Deus promoveria em breve. Ele apostava nesse novo começo que Deus realizaria e já promovia uma espécie de participação antecipada das pessoas nesse projeto pelo batismo. Trata-se de um movimento de conversão, isto é, de revisitação e recuperação das exigências dos profetas do passado, mas também de iniciação na nova comunidade a ser constituída por aquele “que vem”. O batismo, nessa lógica, não é apenas uma expressão de conversão, mas envolve também o perdão dos pecados e inscrição efetiva no futuro já iminente.

O papel “daquele que vem” teria duas dimensões igualmente importantes: ele promoveria o que João chamou de “batismo com o (ou no) Espírito Santo” e acabaria com aqueles que não aderissem ao projeto, ou que “não produzissem frutos” de conversão. Em linguagem bíblica, ele faria acontecer o “dia de Javé”, dia de glória, mas também de terror.

O movimento do Batista é ousado, pois questiona profundamente o Templo de Jerusalém com todas as suas práticas e funcionários sagrados. A atuação de João se dá no deserto, nas proximidades do rio Jordão, ambos lugares altamente simbólicos, evocadores da experiência fundante do povo de Israel que tinha sido praticamente sufocada pela estrutura e pela lógica do Templo. O perdão dos pecados era, com certeza, um dos elementos do batismo pregado e aplicado por João. Não é difícil imaginar que as autoridades do Templo não aprovaram disso, pois o perdão dos pecados era uma de suas prerrogativas, mediante os rendosos sacrifícios que se realizavam aí, rendosos tanto no sentido econômico quanto no poder que representavam.

³ Uma boa síntese do que teria sido o movimento de João Batista encontra-se em: PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 87-107. Também Nolan (2007) tem um capítulo sobre o assunto.

Uma das informações mais seguras do ponto de vista da crítica histórica é que Jesus foi batizado por João. Veremos, depois, como esse batismo se tornou um problema para certos ambientes de seguidores de Jesus, o que gerou justificativas e evasivas nas apresentações do fato pelos evangelistas.

Embora não se tenha certezas a respeito, suspeita-se que Jesus tenha permanecido algum tempo com João Batista, talvez como um discípulo dele. Essa informação não encontra respaldo nos Evangelhos Sinóticos, mas é sugerida pelo Evangelho de João. Teriam os Sinóticos simplificado a relação de Jesus com o movimento de João Batista, reduzindo-a ao batismo, marco inicial do ministério de Jesus?

Não menos importante que o fato de Jesus ter recebido o batismo de João é este outro: após o batismo, ou a partir de sua participação no movimento de João, Jesus não continuou mais sendo o mesmo. Sua vida mudou. Fala-se até de uma “conversão” de Jesus⁴, a partir do seu encontro com João Batista, no sentido de Jesus ter deixado uma postura mais ou menos passiva para adotar uma inserção ativa, por ações e ensinamentos, no meio do povo da Galileia, comportamentos esses inspirados na convicção do Batista, mas redefinidos a partir de uma nova compreensão dessa esperança e das necessidades do povo sofrido de sua terra.

O encontro e a convivência com Jesus causaram tal impacto nos seus seguidores que passaram a compreender a pessoa e o movimento de João Batista como anúncio e preparação de Jesus e de seu movimento. Fizeram isso também com a Bíblia que tinham, que foi sendo relida à luz dos acontecimentos da vida, morte, ressurreição/glorificação de Jesus. A referência maior, cada vez mais, foi sendo Jesus, sua atividade evangelizadora antes de sua morte e sua presença inspiradora como ressuscitado no meio das comunidades.

Como se deu esse processo de releitura de João Batista nos ambientes dos seguidores e seguidoras de Jesus? Por um lado, procurou-se preservar as características da pregação, da pessoa e do movimento de João. Por outro lado,

⁴ A palavra “conversão” pode parecer estranha, aplicada a Jesus. Mas ela já se tornou bastante usada na literatura. “Há uma verdadeira mudança na situação de Jesus, uma *conversão* (...)” – diz GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 80. José Pagola (2011, p. 99) coloca o termo num subtítulo de sua obra. Cf. também HOLLENBACH, P., The conversion of Jesus: from Jesus the Baptizer to Jesus the Healer. In: TEMPORINI, H.; HAASE, W. (ed.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der Neueren Forschung*. II.25.1. Berlin-New York, 1982, p. 196-219.

diante de novas situações e questionamentos, o fenômeno foi recebendo novos significados. Vamos agora focar nossa atenção sobre o processo e os resultados desse trabalho de leitura e releitura.

2 João (Batista) nas comunidades cristãs e nos Evangelhos⁵

O leitor ou a leitora deste texto pode estranhar que tenhamos colocado entre parênteses o termo “Batista” e talvez esteja se perguntado pelo motivo desse procedimento. Ocorre que somente dois dos quatro Evangelhos preservaram esse “apelido”: Marcos e Mateus. Lucas e João falam da atividade batismal de João, mas esse não é o foco de sua leitura, como veremos a seguir. Talvez por isso tenham omitido essa designação.

É preciso ter em mente que nossas fontes sobre João Batista são relatos amadurecidos no ambiente as comunidades cristãs. Elas não procedem diretamente do ambiente originário do movimento batista de João. Elas trazem as marcas da fé em Jesus, compreendido como aquele que foi anunciado por João.

O Evangelho de Marcos é o mais antigo e conserva alguns elementos históricos importantes do movimento de João. Mas quando apresenta a pregação de João, ele se mostra totalmente cristianizado, pois só lhe interessa aquilo que pode contribuir para compreender a pessoa, a missão e o movimento de Jesus. Veremos isso melhor no item seguinte deste texto. Vejamos agora, mais de perto, como Mateus, Lucas e João apresentam nosso personagem.

O Evangelho de Mateus aproxima João Batista de Jesus. Ambos são pregadores da conversão em vista da proximidade do Reino de Deus. O evangelista resume a pregação de ambos com a mesma frase: “Arrependei-vos (convertei-vos), porque o Reino dos Céus está próximo” (3,2 – João Batista; 4,17 – Jesus). O que interessa para ele é a conversão, que deve ser sincera e eficaz, e ninguém pode apelar para privilégios para isentar-se do apelo. Já não menciona o perdão dos pecados que está, conforme Marcos, implicado no batismo de João. Ele apenas menciona a confissão dos pecados por parte dos que eram batizados no Jordão. De

⁵ Há muitos estudos sobre esse assunto. Na maioria, ainda não estão traduzidos ao Português (ver bibliografia em KONZEN, Léo Zeno. *A relação do movimento de João Batista com Jesus, no prólogo de Mc.* Roma, 1993). Mencionamos aqui apenas alguns, nos quais nos inspiramos de modo particular: LUPIERI, E. *Giovanni Battista nelle tradizioni sinotiche.* Brescia, 1988; ERNST, J. *Johannes der Täufer: Interpretation, Geschichte, Wirkungsgeschichte.* Berlin-New York, 1989; WINK, W. *John the Baptist in the Gospel tradition.* Cambridge, 1968.

fato, na compreensão de Mateus, o perdão dos pecados não pode estar vinculado ao batismo de João, pois é prerrogativa de Jesus. O batismo de João é “com água para o arrependimento (conversão)”. E “aquele que vem depois de mim”, este sim, “vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”. E quando Jesus vem ao Jordão para ser batizado por João, este tenta convencer Jesus para inverter as posições: seria Jesus que deveria batizar João, e não o contrário. Diante da argumentação de Jesus de que “nos convém cumprir toda a justiça”, João consente. Pode parecer um detalhe insignificante, mas o texto não relata o batismo de Jesus por João. Ele fala da intenção de Jesus, do diálogo entre ele e João, do consentimento de João em batizar Jesus e, depois, da teofania que ocorre quando Jesus, já batizado, subiu da água. Parece que o batismo de Jesus por João tinha que ser justificado e, se possível, silenciado!

No Evangelho de Lucas, João perde o apelido “Batista”. O interesse do terceiro Evangelho é mostrar João como “filho de Zacarias”, ao qual “foi dirigida a palavra de Deus”, historicamente contextualizado como os grandes profetas do passado, e que percorria toda a região do Jordão pregando um batismo de conversão para a remissão dos pecados. João é profeta, não propriamente alguém que batiza, ou seja, batista. Seu batismo faz parte da postura profética de agir por palavras e ações simbólicas. Mais claramente que nos outros Evangelhos, ele mostra a dimensão universal da novidade que está para irromper. Explicita melhor que os outros as implicações da conversão, com as respostas à repetida pergunta “Que devemos fazer?” feita a João por diversos grupos (Lc 3,10-14). Outro detalhe interessante é a introdução de um alerta: diante das cogitações e expectativas populares, Lucas mostra João advertindo a todos de que ele não é o Cristo, e que este vem e batizará com o Espírito Santo e com o fogo (Lc 3,15-16). Para Lucas, o fato de Jesus ter sido batizado por João é de importância menor e pode até ser omitido no seu relato. De fato, esse acontecimento é apenas suposto no relato de Lucas (3,21-22). João já está preso (3,19-20), quando se informa a respeito da manifestação de Deus a Jesus. A atividade de João já se encerrou, ele está preso, e todo o povo já recebeu o batismo, Jesus também. A teofania ocorre num contexto de oração de Jesus e parece distanciada do seu batismo. João foi preso justamente por agir como profeta, denunciando a vida corrupta de Herodes (3,19).

O quarto Evangelho vai mais longe ainda, na releitura do movimento de João (1,19-34). Como em Lucas, nosso personagem nunca é designado como Batista. Ele

é simplesmente João. Seu movimento levanta suspeitas em Jerusalém, de onde chegam enviados para investigar as intenções de João. O diálogo com esses enviados e as palavras de João sobre o “Cordeiro de Deus” deixam bem claro o sentido do seu batismo e sobre seu papel neste Evangelho. João se transforma em testemunha privilegiada que, tendo identificado pela “senha” que Deus lhe havia dado quem é o “Eleito de Deus”, não se cansará de indica-lo aos outros e de encaminhar as pessoas para o seguimento de Jesus. De fato, o batismo deixa de ser “para a conversão” ou para “o perdão dos pecados” e se torna o espaço para Deus poder revelar a João – e por enquanto somente a ele – quem é o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. E do batismo de Jesus interessa isto: “Aquele sobre quem vires o Espírito Santo descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo”. E João diz que viu isso ocorrendo com Jesus, por isso pode testemunhar a seu favor. O quarto Evangelho nem relata o batismo de Jesus, apenas o supõe implicitamente. Em síntese, João recebe uma revelação de Deus a respeito de Jesus e restringe sua missão ao testemunho a favor dele.

Como João Batista é retratado no Evangelho de Marcos? É o que veremos a seguir.

3 João Batista no Evangelho de Marcos

Para mostrar o lugar de João Batista em Marcos, tomaremos como referência principal os 15 versículos iniciais do seu Evangelho. Os demais textos do mesmo Evangelho⁶ servirão de apoio secundário. Informações complementares provenientes de outras fontes também contribuirão, embora não sejam citadas diretamente.

Embora muitos autores considerem o v. 1 como o título de todo o Evangelho, e caracterizem os v. 14-15 como transição para o que segue ou como início efetivo dessa parte, nós nos associamos aos que consideram Mc 1,1-15 como uma unidade coerente, que pode ser considerada como o prólogo do segundo Evangelho. Por isso, pautamos nossa leitura do texto dentro desse parâmetro. Isso não significa que o v. 1 não possa ser também considerado como título da obra toda e que os v. 14-15

⁶ Marcos fala de João Batista também em 2,18-22 (onde são mencionados discípulos dele), 6,14-29 (onde se relata seu assassinato), 8,27-30 (Jesus seria, na opinião de alguns, João Batista), 9,11-13 (João Batista não é mencionado, mas parece seguro que Jesus se refira a ele como Elias que já veio) e 11,27-33 (Jesus, questionado pelas autoridades do Templo, coloca-lhes a questão sobre a natureza de João Batista: “do Céu” ou “da Terra?”).

não introduzam uma nova etapa na narração de Marcos. Mas o início e o fim da perícopos constituem uma espécie de inclusão: o que se narra situa-se entre o princípio do Evangelho (v. 1) e o início da pregação do Evangelho por Jesus, depois de João ter concluído sua missão (ele diz “eu vos *batizei* com água”) e ter sido entregue (v. 14-15). Assim, a atuação de João Batista e o batismo de Jesus com a tentação no deserto já fazem parte do Evangelho. Isso é coerente com a perspectiva de Marcos, no qual o Evangelho acontece mais por ações do que por doutrinas e cujo centro não é propriamente a pessoa de Jesus, mas o Reino de Deus.

A unidade (1,1-15) apresenta nitidamente duas partes distintas: 1,1-8 e 1,9-15. Na primeira, João Batista ocupa o centro; na segunda, Jesus é o personagem principal. Entre as duas partes, há um paralelismo que pode ser assim representado, abstraindo do v. 1:

1,2-8 (João Batista)	1,9-15 (Jesus)
1,2-4: João, conforme a Palavra de Deus – Antigo Testamento	1,9-11: Jesus, conforme a Palavra de Deus – voz do céu
1,5-6: O batismo do povo no Jordão; vestes e alimentos do Batista	1,12-13: Jesus no deserto; tentação, companhia dos animais, serviço dos anjos
1,7-8: Pregação de João Batista	1,14-15: Pregação de Jesus.

O paralelismo sugere uma leitura que relacione o Batista e Jesus, não apenas tangencialmente, mas de modo a constituírem momentos da mesma realidade do Evangelho de Deus, da proximidade/presença do Reino de Deus. Portanto, esse conjunto constitui o início do Evangelho. Talvez se possa dizer que é o começo do princípio do Evangelho.

No confronto desse relato com aqueles dos paralelos Sinóticos e do Evangelho de João, chamam atenção alguns aspectos, que convém elencar. Em primeiro lugar, o nome: em Marcos, João é literalmente “o batizador” (*ho baptízon*), aquele que batiza. E sua pregação é de um batismo, batismo de conversão, sim, mas batismo. Lucas e João omitem coerentemente essa designação, porque para eles a importância de João não está no batismo que prega e realiza, como já foi dito. Mateus conserva o apelido (na forma mais comum *ho baptistés*), mas insiste na penitência/conversão, conteúdo principal de sua pregação.

Marcos parece não ver nenhum problema em dizer que o batismo de conversão que João pregava era “para o perdão dos pecados”. Isso não é apenas uma questão de fidelidade histórica ao significado que o próprio Batista atribuía ao batismo que pregava, mas também faz parte da teologia de Marcos. Lucas também conserva a afirmação do batismo “para o perdão dos pecados”, o que se costuma explicar como fidelidade às fontes nas quais se inspirou para escrever seu relato, mas a importância disso é menor em Lucas do que em Marcos.

Outro aspecto que impressiona é o conteúdo da pregação de João. Em Marcos, o Batista simplesmente anuncia a vinda de outro, superior a ele e que batizará com o Espírito Santo, enquanto ele, o Batista, tinha batizado com água. Nada mais. Seu discurso se restringe a isso. Se compararmos as palavras do Batista em Marcos com o que dizem Mateus e Lucas sobre isso, perceberemos logo a extensão maior das falas de João e o conteúdo mais abrangente do seu discurso. Inclusive se verifica uma diferença importante na qualificação do batismo a ser ministrado por “aquele que vem”: ele será simplesmente “com o (ou no) Espírito Santo”, enquanto em Mateus e Lucas é também “com fogo”. Marcos omite todo o caráter ameaçador e apocalíptico do discurso do Batista, bem como o enfrentamento com fariseus e escribas e a explicitação dos compromissos éticos implicados na conversão. Para ele só interessa o anúncio daquele que vem e a relação do Batista com o Evangelho a ser pregado e realizado pelo personagem vindouro.

Essa redução do discurso do Batista em Marcos sugere duas observações. A primeira é de estranheza, pois o segundo Evangelho mostrará que a prática de Jesus apresentou um verdadeiro julgamento e uma condenação do centro judaico opressor, como muito bem mostra Carlos Bravo Gallardo (1997). Por que a caracterização do batismo daquele que vem não inclui também o fogo e é apresentado apenas como sendo com o (ou no) Espírito Santo? Talvez a segunda observação responda em parte a esse questionamento: o julgamento e a condenação contidos no Evangelho (que será pregado por Jesus) não se dirigem ao público ao qual João fala, no Evangelho de Marcos. Mesmo que exagere no sucesso de João, dizendo que vinham a ele “toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém”, Marcos afirma que essas pessoas eram batizadas por ele, confessando seus pecados. Para essas pessoas, portanto, o batismo futuro seria “com o Espírito Santo” simplesmente, pois elas não tinham necessidade de serem batizadas também com fogo! Marcos, de fato, diferentemente de Mateus, não relata que

vinham ao Batista também pessoas que não estavam dispostas à conversão, ou seja, fariseus e saduceus. É de fato a eles que, segundo Mateus, o Batista dirige as palavras de ameaça, entre as quais cabe bem o batismo com fogo⁷.

Passemos a outro detalhe importante. Marcos é o único Evangelho que conta sem rodeios nem justificativas o batismo de Jesus por João, no Jordão. Ele narra simplesmente que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. Como já foi dito, cada um dos outros Evangelhos tem suas dificuldades com esse acontecimento, de modo que ele precisa ser justificado ou sutilmente colocado entre parênteses. No Evangelho de João, o “Batista” (que nunca é assim chamado) precisa justificar não só o batismo de Jesus, mas o próprio fato de batizar.

Na cena do batismo, há outro detalhe que distingue Marcos dos demais. A teofania que revela a identidade e a missão de Jesus é relacionada diretamente ao batismo, ou seja, ao subir da água. O texto não diz “ao sair da água”, mas “logo ao subir da água”, o que dá a entender que se trata do momento em que Jesus emerge da água, considerando que o batismo provavelmente era por imersão. Já o texto de Mateus parece querer distanciar o “subir da água” do próprio batismo, de modo a caracterizar sua saída do Jordão: “Batizado, Jesus subiu imediatamente da água...”. Lucas coloca a teofania num momento posterior ao batismo, quando Jesus se encontra em oração – tema tão caro ao Evangelista que não perde oportunidade para ressaltá-lo. No Evangelho de João, não se diz em que momento o “Batista” viu o Espírito descer e permanecer sobre Jesus. Pode-se presumir que tenha sido no momento em que batizou Jesus, mas o texto não diz isso.

O que significam essas notas características da narração que Marcos faz de João Batista e do encontro de Jesus com ele? Serão frutos de meras preferências estilísticas pessoais? Ou resultam de uma teologia bem articulada? Certamente é a última alternativa que deve ser considerada como válida. João Batista está associado ao Evangelho, assim como Jesus também está, embora devam ser distintos e Jesus ocupe um lugar proeminente⁸.

⁷ Lucas, talvez porque gosta de insistir na necessidade de conversão para todos, faz João dirigir a todos (às multidões que vinham para ser batizadas por ele) suas palavras duras e ameaçadoras (Lc 3,7-9.16-18).

⁸ O que afirmamos aqui sintoniza com o que pesquisamos longamente nos estudos de mestrado e doutorado. Invertendo a pergunta que muitas vezes se faz sobre qual é a relação de Jesus com João Batista, colocávamos a questão da relação de João Batista e de seu movimento com Jesus. Ou seja, perguntávamos pelo acontecer do Evangelho de Jesus já na prática histórica de João Batista, sempre conforme Marcos. Percebemos que essa é mesmo a teologia de Marcos: o

Tudo isso recoloca a questão de se aprofundar a centralidade do Reino de Deus no Evangelho de Marcos. João Batista e Jesus, embora em níveis cuja distinção deve ser compreendida, estão voltados a um terceiro termo que é o Reino de Deus, o Evangelho de Deus, ou simplesmente o Evangelho. A eles serão, depois, associados outros, principalmente os discípulos que devem “voltar para a Galileia” após a ressurreição de Jesus, e refazer o caminho dele (16,7). Eles e elas farão o Evangelho prosseguir, Evangelho esse que tem seu princípio na caminhada histórica de João Batista e Jesus, mas que também já foi encaminhado na história do povo do assim chamado Antigo Testamento.

Conclusão

Nosso estudo permite concluir que João Batista ocupa um lugar relevante no Evangelho de Marcos. Por um lado, Marcos preserva melhor que os outros relatos evangélicos algumas características do movimento de João Batista; por outro, ele relê a totalidade desse movimento a partir do seu significado para o Evangelho (de Deus) proclamado por Jesus por meio de ações e ensinamentos. Com Jesus, João Batista representa o princípio do Evangelho. Já faz parte dele. Isso não quer dizer que não haja uma diferença entre João e Jesus. Pelo contrário, foi a partir de Jesus e do seu significado para o Evangelho que Marcos definiu o lugar e a importância de João Batista. Marcos só sabe que o Batista abriu o caminho porque conhece esse caminho a partir de Jesus. Quer dizer: Jesus é a referência maior quando se trata do Evangelho. A partir dele, Marcos discerniu o que, em João Batista, já representa esse mesmo Evangelho. E o que no Batista não é significativo para o Evangelho de Deus pregado por Jesus também não interessa para Marcos. Os outros evangelistas também valorizam, e muito, a pessoa e o movimento de João, mas com perspectivas diferentes. Marcos é o mais breve e, ao mesmo tempo, o mais radical na releitura que faz de João Batista.

Concluimos voltando ao que motivou este estudo: o Movimento de Emaús. Essa organização evangelizadora pode talvez enriquecer-se com esta perspectiva do Evangelho de Marcos. Seus membros podem ir além de testemunhar Cristo, como João, depois de tê-lo conhecido (perspectiva do Evangelho de João). O

Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus começa com o batismo pregado e ministrado por João Batista.

movimento pode também descobrir e valorizar a presença do Evangelho nos jovens, antes mesmo de terem tido contato direto com o anúncio explícito de Jesus Cristo. Em muitos sentidos, as juventudes são hoje João Batista. O encontro com Cristo não negará, nem menosprezará esse fato, mas o levará a uma maior profundidade e plenitude.

REFERÊNCIAS

ERNST, J. *Johannes der Täufer: Interpretation, Geschichte, Wirkungsgeschichte*. Berlin-New York, 1989.

GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997.

HOLLENBACH, P., The conversion of Jesus: from Jesus the Baptizer to Jesus the Healer. In: TEMPORINI, H.; HAASE, W. (ed.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der Neueren Forschung*. II.25.1. Berlin-New York, 1982, p. 196-219.

KONINGS, J. *A Bíblia: sua origem e sua leitura*. 7.ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

KONZEN, Léo Zeno. *A relação do movimento de João Batista com Jesus, no prólogo de Mc*. Roma, 1993.

LUPIERI, E. *Giovanni Battista nelle tradizioni sinotiche*. Brescia, 1988.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. 6.ed. São Paulo: Paulus, [2007].

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.

WEBB, Robert L. *John the Baptizer and Prophet: a socio-historical study*. Sheffield, 1991.

WINK, W. *John the Baptist in the Gospel tradition*. Cambridge, 1968.